

Alumni

Revista Discente da UNIABEU

O ESCRITOR NO CAMPO LITERÁRIO: UM ESTUDO DAS CRÔNICAS DE MILTON HATOUM

Aídes José Gremião Neto *

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar algumas crônicas do escritor amazonense Milton Hatoum, com foco na relação existente entre o escritor e seu projeto criador. As crônicas selecionadas para o estudo foram tiradas de dois volumes: o recente livro **Um solitário à espreita** (2013) e da já extinta revista **Entrelivros**, que teve vida entre os anos de 2005 a 2007. Acreditamos que esse conjunto de crônicas, por possuírem um tom voltado para as relações literárias, pode nos ajudar a estabelecer algumas reflexões acerca do projeto literário de Hatoum, bem como para as relações existentes no que Pierre Bourdieu (1968) e, mais tarde Dominique Maingueneau (2001) cunham de *Campo intelectual e Campo literário*.

Palavras-chave: projeto criador; campo intelectual; campo literário; escritor.

Introdução

É longa a trajetória dos debates acerca do objeto literário e que se estendem até os dias atuais. São muitas ainda as questões que suscitam reflexões e questionamentos, seja no âmbito da academia ó entre professores, pesquisadores, críticos e outros agentes intelectuais ó seja no campo social como um todo. Se por um lado algumas questões são intrinsecamente relacionadas ao jogo de representação realizado pela literatura, ao qual Roland Barthes (2007) propõe chamarmos de mimeses, como uma das três forças da literatura (ao lado da *mathesis* e da *semiosis*), por outro, podemos especular sobre outros problemas que se desdobram em decorrência desta força mimética, como a relação do autor com sua obra, do leitor com o autor e com a obra, e da obra com a sociedade, por exemplo. No mundo do mercado, essa questão se entrelaça aos demais fenômenos que se configuram na criação, produção e difusão das obras. Os caminhos a serem trilhados nesses debates nos conduzem às discussões entre história e literatura, entre os limites e alcances do texto literário e também à relação do objeto literário com seus meios e modos de produção e consolidação.

Todas essas questões se entrelaçam na medida em que aprimoramos nossa perspectiva acerca da literatura e quando passamos a compreendê-la pela sua multiplicidade enunciativa, que recusa qualquer tipo de hegemonia e que instaura, nas palavras de Karl Erik Schollhammer (2011, p. 32), uma espécie de ò[...] perda de sentido e de referência do real ou do modo pelo qual direcionamos nosso olhar para ele.

* Aídes José Gremião Neto é bolsista orientado pelo professor Paulo César Silva de Oliveira, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UERJ e graduando em Letras ó Português-Literatura pela mesma instituição.

A partir dos séculos XIX e XX, influenciado, sobretudo, pelo avanço tecnológico e pelo percurso do pensamento crítico, o objeto literário passou por certas mudanças estéticas e temáticas que, neste último século, romperam com algumas noções tradicionais. Na prosa de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, por exemplo, há um vínculo com o realismo, no entanto não se confunde tal realismo com uma mera verossimilhança externa; assim, ideias como a de regionalismo e representação diretamente vinculada ao real se dissolvem. Na ficção de Guimarães Rosa, por exemplo, a temática do regional cede espaço para um olhar crítico das paixões humanas de acordo com seus aspectos universais, ao passo que o jogo ficcional é dinamizado por uma linguagem que se reconhece inventada e que dialoga internamente com seus índices encenativos. No caso de Clarice, a proximidade de sua linguagem com o cotidiano não é um reflexo da prosa com o real, mas se estrutura por meio de discussões filosófico-existenciais que ultrapassam os limites de transcrição do real ó como queriam nos fazer acreditar muitos modernistas.

Tais mudanças ó que não se limitam às dos exemplos dados ó por sua vez, corroboraram para uma diferença no trato com a matéria literária, o que implica uma troca simultânea entre essas duas esferas do saber: crítica literária e literatura. Podemos observar então que, a partir da primeira metade do século XX, o discurso literário torna-se mais consciente das relações miméticas e espaço-temporais intradiscursivas. Isso, por outro lado, ativa o olhar reflexivo dos leitores críticos que buscam um novo horizonte de leitura. Sendo assim, é possível dizer que tanto a própria literatura quanto a crítica em geral são agentes do jogo de influências que configuram o campo intelectual de que a literatura é parte.

Dentro destas novas configurações discursivas que surgem na literatura contemporânea, principalmente a partir da década de 1960, é possível sublinharmos, por exemplo, o caráter incerto da memória que confere ao tempo uma dinâmica difusa em que passado, presente e o (incerto) futuro se mesclam nas reflexões de um eu multifacetado. Isso desencadeia um ciclo reflexivo muito maior, no qual seria pertinente adentrar, por exemplo, a relação entre história e literatura, sem ainda esgotar o assunto.

Esse tom reflexivo do próprio discurso contemporâneo e de suas formas estéticas nos permite (re)pensar esses jogos de encenação ó nos quais também estão imbricados uma discussão sobre as relações humanas ó, nos instigando a partir de um olhar fundamentado que, como diria Dominique Maingueneau (2001), requer um envolvimento entre o *dito e o dizer*, ou entre *texto e contexto*, entendidos pelo autor como partes *indissociáveis* (grifos meus). No entanto, tal movimento não se limita ao enunciado estruturado do texto literário, tampouco finca suas raízes apenas na construção ideológica que cada leitor elabora na (re)construção da enunciação, mas também perpassa as esferas de realização do texto literário ó as quais vão, desde os *etos* que compartilham para sua constituição formal, passando por todo processo midiático, burocrático e institucional, até sua chegada ao público. É neste sentido que investigaremos parte da produção cronística de Milton Hatoum.

Dominique Maingueneau (2001), utilizando-se de um conceito de Pierre Bourdieu, faz um singular estudo acerca do ôcampo literárioô. O teórico debruça-se sobre toda uma cadeia análoga à literatura, tendo em vista, tanto a produção textual ó

que depende não só do olhar subjetivo do autor, mas da inserção deste no campo literário, o quanto os instrumentos que interveem em sua condição estética. Ao contrário de muitas abordagens da crítica literária, que fundavam um modo unívoco de pensar no texto literário, o como as da Nova Crítica e do Estruturalismo, por exemplo, o, Maingueneau compreende a literatura não só por meio do que ela pode sugerir ao leitor através de seu simulacro, mas leva também em consideração o que antecede e sucede o texto depois de sua materialização no campo literário. Em outras palavras, o crítico elabora sua análise buscando compreender o(s) percurso(s), os modos pelos quais o texto literário é constituído e instituído materialmente, tendo sempre em vista que ambos os processos são componentes imprescindíveis de seu sentido.

É possível dizer que o campo literário é uma espécie de lugar multifacetado e dicotômico do qual a literatura faz parte, sendo esta última encarada não mais por um viés romântico que lhe confere um juízo de valor ou uma explicação ontológica, mas vista como discurso e, como tal, compreendida pelo seu aspecto paratópico. É o que se pode ver expresso em Maingueneau (2001, p. 28):

A literatura define de fato um lugar na sociedade, mas não é possível designar-lhe qualquer território. Sem localização, não existem instituições que permitam legitimar ou gerir a produção e o consumo das obras, consequentemente, não existe literatura, mas sem deslocalização, não existe verdadeira literatura. [...] A pertinência ao campo literário não é, portanto, a ausência de qualquer lugar, mas antes uma negociação difícil entre o lugar e o não lugar, uma localização parasitária, que vive da própria impossibilidade de se estabilizar. Essa localidade paradoxal, vamos chamá-la de **paratopia**.

Uma vez que a obra literária, como vimos, situa-se entre um lugar e um não lugar, através do dito e do não dito, é imprescindível deixarmos de, ilusoriamente, compreender o discurso literário como reflexo da língua do autor, que supostamente traduziria uma verdade, como propunha a abordagem romântica que vingou em parte do século XIX. Justamente por defender essa concepção imanentista, como nos aponta o teórico, os românticos acabam negligenciando o [...] caráter institucional do exercício da literatura (MAINGUENEAU, 2001, p. 27).

A partir de então, podemos compreender que, favorecida pela *interlíngua*, a obra é uma soma de posicionamentos a serem tomados tanto dentro do campo literário, o nas relações de produção, o quanto fora dele. Ou seja, o contato com a comunidade futura de leitores também faz parte da dinâmica da obra, pois estes vão partilhar do universo fictício desta, concretizando-a no imaginário e, de certa maneira, situando-a num espaço do próprio campo literário.

Como muitos narradores hatumianos revelam, este espaço do campo literário não pode ser sistematizado pelo autor, dado que ele encontra-se na interseção de uma relação mútua com seu leitor, mediada pelo aspecto paratópico que esta relação implica. O escritor, ao fazer literatura, representa algo da vida a partir da língua escrita. Mas, para tanto, é necessária técnica e vivência, afinal o imaginário só trapaceia o real a partir de experiências anteriores. Essas questões nos remetem às discussões introduzidas

por Wolfgang Iser (1983), que compreende a ficção nos limites entre o real e o imaginário. Estes, por sua vez, não se deixam transparecer em função da própria língua, que já carrega em si o signo do simulacro, não permitindo representar as experiências por completo, mas parte delas. Essa noção pode ser observada na seguinte passagem de Iser (1983, p. 385) “[...] o texto ficcional contém elementos do real, sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingida, a preparação de um imaginário”.

A relação entre técnica e escrita se aprofunda em tempos modernos devido, dentre outros fatores, aos novos meios de comunicação que surgem. Junto com esses novos transportes de comunicação, surgem novas formas de estruturar os textos literários, novos leitores que, em função desses fatores, terão uma outra percepção. Isso pode desencadear um ciclo maior, já que as partes que estão relacionadas ao material estético (o texto literário) devem ser entendidas de maneira conjunta. Essas dinâmicas do campo literário exigem do escritor um (re)ajuste incessante, que não o permite caminhar num solo estável; lembremos que a instabilidade avulta, sobretudo nas crônicas de Hatoum, das relações paratópicas (MAINGUENEAU, 2001) presentes em grande parte de suas crônicas.

Há, como dissemos, um percurso histórico que remonta à Antiguidade Clássica e que configura as mudanças nas relações de representação ficcional. No discurso literário hodierno, tais relações são acentuadas principalmente no caráter autoconsciente dos discursos artísticos, o que provoca, por conseguinte, a necessidade de novas relações críticas e teóricas. Este conjunto de fatores está refletido nestes lugares e/ou não lugares que o linguista Dominique Maingueneau chamou de paratópicos.

Em suas crônicas de tom mais literário, principalmente as publicadas na extinta revista **Entrelivros**, entre os anos de 2005 e 2007, Hatoum adentra o espaço dialógico dessas esferas do campo literário. Alguns desses textos tratam do envolvimento do leitor no jogo mimético do literário, das heranças literárias de cada escritor; outras adentram criticamente traços de alguns escritores, como William Faulkner, Honoré de Balzac, Jorge Luís Borges, Joseph Conrad, Gustave Flaubert, Machado de Assis, dentre outros. Essas questões denotam um amplo envolvimento de seus narradores e, de certo modo, do próprio Hatoum, com o campo literário. Em todas elas, a abordagem do narrador é muito bem estruturada, o que é recorrente nas narrativas de Hatoum. Os narradores criados por Hatoum revelam uma parcela daquilo que Maingueneau chama de *ôbio/grafia* e o professor e pesquisador Paulo César Oliveira (2014) amplia para a *ôauto/bio/grafia*, com o intuito de reforçar o entrecruzamento contínuo entre a obra e o escritor. Assim, precisaríamos compreender os *ritos genéticos* e *ritos de escrita* do escritor ó termos de Maingueneau ó como partes intransponíveis da criação do material literário.

No caso de Milton Hatoum, os *ritos genéticos* estão presente em suas próprias escolhas literárias que, de certa forma, interagem na criação de seu estilo próprio de escrita, que reconhece as influências e as incorpora a seu estilo próprio de escrita. Como diz o narrador da crônica *Ô apaixonado plágio* (HATOUM, 2007a, p. 21), “[...] a verdade é que não há obra de arte que não tenha herdado alguma coisa da tradição”. Lembramos que esta noção *ôritos genéticos*, sugerida por Maingueneau (2001) serve

para designar um conjunto de fatores que, embora extratextuais, são análogos à fase de produção do objeto literário e, de certa maneira, partilham para a concretização de seu sentido. Estes fatores estão diretamente relacionados ao autor, por isso o nome *genéticos*. São exemplos destes: memória, vínculo institucional, bagagem de leitura etc.

No que toca aos ritos de escrita, noção também do teórico Maingueneau (2001), vemos que relaciona-se a todo o trabalho de criação e revisão do texto literário que, muitas vezes, requer leituras e releituras, não só do próprio texto, mas daqueles outros com os quais dialoga. A este respeito, é válido fazermos uma observação com base em duas crônicas de Hatoum. A primeira, reeditada e publicada no livro **Um solitário à espreita** (2013), tem como título *Um inseto sentimental* (HATOUM, 2013, pp.11-12) e tece, metaforicamente, alguns ritos da relação de produção do objeto literário por parte do autor. O narrador-escritor da crônica é incomodado por um inseto que faz *“[...] apagar a ideia da crônica e acabar com a alegria de escrevê-la, mesmo que o narrador-escritor saiba que vai [...] reescrevê-la quatro ou sete vezes”* (HATOUM, 2013, p.11). De repente, depois do medo do *“monstro”* incomodar a ponto de ele (o narrador) ter que dar *“adeus à ideia da crônica e à leitura de Gólgolô, o inseto, ao pousar numa velha fotografia de sua mãe, o faz enveredar pelos caminhos da memória e, assim, concede-lhe outra ideia, uma ideia oriunda dos meandros de sua memória, das lembranças de sua falecida mãe. Desta maneira, o narrador finaliza o relato com a mesma ideia da primeira frase da crônica: resta [...] pegar a caneta e escrever a primeira frase da crônica, quase sempre a mais difícil [...]”* (HATOUM, 2013, p. 12). Se atentarmos para os dois momentos em que esta frase aparece *“o no início e no fim da crônica”*, podemos encarar o desenvolvimento do percurso da escrita como um *“ritmo”* de escrita *“o termo de Maingueneau (2001)”, isto é, como um verdadeiro trabalho estético. Na segunda crônica, “Leitores incomuns”* (HATOUM, 2007h, p. 44), o narrador deixa expressas essas relações de trabalho com a escrita na seguinte passagem:

Adiar um trabalho pode ser um alívio para um burocrata, não para um escritor. Ainda assim, há momentos de pausa e reflexão, de pesquisa e anotações, e, às vezes, de interrupções forçadas, um verdadeiro castigo para quem escreve. E há também pausas para a leitura: a urgência de escrever não é menor nem menos intensa do que a urgência de ler.

Essa face da prosa hatoumiana nos permite reiterar o quanto o discurso literário precisa ser encarado a partir de seu texto e contexto, já que se constitui de relações com o mundo e, ao mesmo tempo, se insere no próprio mundo, tanto o empírico *“o qual se constitui como produto com certo valor, seja como mercadoria, ou como objeto cultural”* *“o como o imaginado, aquele que, de formas transversais, também reflete as construções ideológicas de determinada sociedade em determinada época. É um jogo multilateral, de trocas, mesmo, que ocorre entre todos esses aspectos do texto literário que validam a atuação da literatura com e no mundo para, a partir deste, elaborar um movimento crítico que, não sendo conceitual, se permite ser reavaliado. Afinal, segundo o narrador hatouniano da já citada crônica “Leitores incomuns”* (HATOUM, 2007h, p. 45), *“um bom leitor reescreve o livro com a imaginação de um escritor”*.

Cabe abrir um parêntese aqui para a relação do escritor com seu produto, principalmente quando se trata da questão profissional ligada ao exercício estético da literatura. É por essa imprecisão acerca das múltiplas implicações do objeto literário que se faz também incerta a delimitação da profissão de escritor. A consolidação do escritor no campo literário percorre caminhos diversos, pois depende não somente da aceitação do público, mas de aspectos relacionados à esfera institucional/burocrática. Aqui, justamente em função do propósito e da delimitação deste artigo, deixaremos esboçada tal questão para futuros desdobramentos, pois acreditamos que, caso deixássemos de mencioná-la, incorreríamos em um erro de coerência semântica, já que julgamos esta questão importante a nossas pesquisas.

A estética desse conjunto de crônicas de Hatoum, publicadas na revista *Entrelivros*, nos permite especular acerca desses limites, não só em relação à própria constituição estética, mas às linhas difusas da globalização multifacetada, e que nos leva a olhar para nossa própria condição contemporânea de seres completamente ônatuaisö e ôanacrônicosö, ô[...] exatamente por isso [...] capaz(es) de perceber e apreender seu tempoö, nas palavras de Giorgio Agamben (2009, pp. 58-59). Não se trata de, ilusoriamente, primar pelo fim das utopias e, assim, reconhecer a história como fatalidade, mas de buscar na consciência histórica uma releitura crítica do passado com vistas à compreensão do presente. Somente assim é possível ô[...] dizer não a uma realidade inaceitável: o mundo conflituoso em que vivemosö, em uma apropriação das palavras do narrador da crônica, ôContra o cinismo e o conformismoö (HATOUM, 2006i, p. 26).

É essa a reflexão sugerida por Hatoum, na crônica ôEm busca da inspiração perdidaö (HATOUM 2005b, p. 26), quando seu narrador discorre sobre o fato de, na obra de Marcel Proust, uma de suas relevantes influências, haver passagens que falam sobre -inspiraço na literatura: ôÉ como se a inspiração fosse algo próximo da imaginação, que, por meio da linguagem, é capaz de dar espessura e força à memória e aos sentimentos, transformando-os em vida, ou num dos modos de ver a vida, que é a literaturaö.

Nesta passagem, Hatoum não só adentra os meandros da memória, já que por meio desta é possível elaborarmos o movimento reflexivo do próprio presente, como também revisita a tradição para, ironicamente, negá-la. Neste último caso, trata-se do conceito romântico de inspiração como característica propulsora da produção do objeto literário. Sabe-se que a produção estética do literário em nada está relacionada a sentimentos que determinam no escritor a produção da escrita literária. Esta é antes criada a partir do domínio de certas técnicas formais, já que ô[...] o sopro criador e a festa da imaginação só fazem sentido com o esforço do pensamento e a convivência obstinada com a palavraö (HATOUM 2005b, p. 26), como diz o narrador, na crônica ôEm busca da inspiração perdidaö.

Ainda que haja aquelas ficções que tentem abnegar sua própria enunciação, como certa vertente parnasiana tentou fazê-lo, é válido dizer que ôAs pertinências genéricas dos enunciados não são um invólucro contingente, são parte integrante da -mensagemö (2001, p. 171); assim, vemos que as obras, de maneira geral, se

estruturam por meio do ã...confronto entre o dito e o ato de enunciação [...]ö que, ainda de acordo com Maingueneau, não só ã... constrói um mundo, mas ainda deve administrar a relação entre esse mundo e o evento que seu próprio ato de enunciação constitui...ö (2001, p. 158). Desta maneira, texto e contexto estarão em diálogo, não permitindo que nenhuma das esferas do campo literário se anule, já que se trata do jogo com a linguagem que, muito embora crie um neutro enunciativo, nos permite reconhecer traços a partir da releitura de uma cadeia de textos presentes neste campo. Em Hatoum, isso pode ser observado se partirmos de um olhar atento ao diálogo que suas crônicas realizam entre si e com outros textos literários ou, até mesmo, com os romances do escritor, de que não trataremos aqui, entretanto a eles nos referiremos por conta das relações intertextuais que o autor estabelece com sua prosa longa.

A crônica ãA imensa máquina ficcional de Balzacö (HATOUM, 2005g), trata de um narrador que, ao buscar algumas marcas análogas à prosa balzaquiana, traz à tona a discussão sobre a recorrência de um mesmo personagem na ficção balzaquiana ó o que também ocorre na obra do próprio Hatoum. Além disso, o narrador dessa crônica vai tecendo comentários e comparações sobre outras obras que explicitam o tipo de envolvimento de Hatoum com o campo literário. Essas questões são observadas na seguinte passagem, em que o narrador, ao traçar comparação entre Balzac e Flaubert, diz o seguinte:

Do ponto de vista estético, penso que o leitor e o escritor aprendem mais com Flaubert. Mas como a literatura se faz a partir da tradição literária, o autor de *Madame Bovary* soube lapidar, com seu estilo preciso, as mil e uma arestas excessivas que ressaltam nos textos ficcionais de Balzac. No entanto, o que há de excessivo ou repetitivo pode exercer um fascínio no leitor, sobretudo quanto aos personagens balzaquianos, que transitam de uma obra a outra [...](HATOUM, 2005g, p. 26)

Aqui, o narrador de Hatoum deixa, para o leitor-modelo, uma pista de seu envolvimento com o campo literário, como a sutileza crítica com que Hatoum elabora a comparação entre seus escritores prediletos, ou o repertório de leitura de que Hatoum se valeu para estabelecer tais comparações, sem contar as referências a autores em várias de suas crônicas, como ãO inferno e o paraíso de um escritorö (2006b.), ãEm busca da inspiração perdidaö (2005b), ãFlaubert e a pré-história do cinemaö (2005c), dentre outras.

No que tange à relação dos personagens ã[...] que transitam de uma obra a outra [...]ö (HATOUM, 2005g, p. 26), vemos que esse aspecto constitui tanto uma observação oriunda de uma leitura crítica que Hatoum elaborou de Balzac, quanto um aspecto da própria cronística de Hatoum. Deste modo, é válido analisar uma crônica que, embora não faça parte do conjunto das publicadas na revista **Entrelivros**, nos permite avaliar tal observação. Trata-se de ãUma Imagem da infânciaö (HATOUM, 2013, pp. 264-265), em que se pode observar uma recorrência de supostas experiências biográficas do autor nesta narrativa e na ficção em geral.

Nesta crônica, o sujeito autodiegético da enunciação, ao recuperar uma experiência nas ruínas de seu passado, narra um episódio de sua infância, em que o pai de seu amigo e vizinho era ôríspidoö, ôbrutoö e amava mais seu cão do que o próprio filho. O narrador nos revela que o pai de seu amigo morreu subitamente em 1962 e que, em seguida, o amigo e a mãe deste viajaram para o Rio de Janeiro, abandonando o cão Fly. O mais curioso é que, no final da narrativa, o narrador, em um diálogo com sua mãe, 40 anos depois desses acontecimentos, conta, enganando ou não a própria mãe, que o personagem do cão Fly foi realinhado ao discurso literário do recente romance lançado por ele **Cinzas do Norte**, sendo ðele mesmo [...]ö, ðmas com outro nome, outra vida e outro donoö (HATOUM, 2013, p. 265).

No momento em que o narrador afirma que não se tratava de transpor fielmente os personagens para a narrativa, mas de combiná-los na ficção ó possível somente pela linguagem literária ó sua mãe duvida, dizendo: ðConta outra... Tu podes enganar teus leitores, mas não sua mãeö (HATOUM, 2013, p. 265). O narrador desta crônica possui o domínio do discurso, tal como o próprio Milton Hatoum o planejou como entidade ficcional; assim, este narrador usa da fala de sua mãe para pôr em jogo o caráter mimético da literatura, insinuando que, diante da obra ficcional, embora sendo mãe, ela é, antes de tudo, leitora. Se por um lado o narrador nos permite pensar nas condições dos limites e alcances do literário, por outro, Hatoum, por meio desse manejo ficcional, chamado o narrador, nos possibilita pensar as relações da rearticulação de traços da vida na literatura, e também o caráter inter e metatextual recorrentes na ficção contemporânea. Não esqueçamos de verificar a recorrência do cão Fly tanto na vida deste narrador, quanto na crônica de Hatoum e no romance **Cinzas do Norte** de ambos (Hatoum e narrador).

Há algumas outras crônicas em que é possível observarmos a relação de trânsito entre personagens supracitadas. Um exemplo é também a crônica do volume **Um solitário à espreita**, ðEscorpiões, suicidas e políticosö (HATOUM, 2013, pp. 101-102). Nela, o narrador, que também não possui nome, busca na memória recriar uma aventura que se passou no ðSeringal Mirimö. O narrador, os meninos do largo São Sebastião e Ranulfo, mais conhecido entre os meninos como tio Ran, embarcam numa aventura, rumo ao conhecimento do ðmaior espetáculo da terraö (HATOUM, 2013, p. 101), nas palavras do personagem-narrador. Para dar continuidade a nosso estudo, é importante observar que o Ranulfo desta crônica tem o mesmo nome, apelido (ôtio Ranö) e características comportamentais do personagem de **Cinzas do Norte**. Ambos também compartilham o fato de terem sobrinho e possuírem visões de mundo similares: os dois têm uma verve picaresca e ativista. Tanto a crônica como o romance se passam no período da ditadura militar pós-64, e alegorizam, de maneira sarcástica, a situação catastrófica e desumana na época histórica da ditadura militar.

Para finalizar, é preciso saber que a recorrência à volta das personagens suscita certa sincronia entre as narrativas de Hatoum. Vemos, pois, que suas escolhas estéticas são fatores que contribuem para certos efeitos pretendidos pelo autor no *campo literário* em que o amazonense procura se inserir.

Conclusão

As discussões encaminhadas até aqui, embora nem de longe tenham esgotado o assunto, serviram de escopo reflexivo para algumas esferas polissêmicas do discurso literário contemporâneo. Até aqui, foi feita uma leitura de narrativas de Milton Hatoum, com ênfase em suas vastas implicações no *campo literário*. Vale lembrar que tais implicações são infindáveis, pois não se pode controlar um lugar que se nutre de relações paratópicas, e que dependem de um conjunto de fatores análogos à esfera social, institucional e cultural. Somente a partir do entendimento do texto literário, associado ao seu contexto, poderemos averiguar os espaços possíveis de significação existentes no discurso literário contemporâneo.

Ao introduzir tais reflexões, procuramos não só elaborar uma (re)leitura crítica de algumas narrativas hatounianas, mas também especular, como requer a ideia de leitor modelo, sobre os limites e possibilidades das narrativas de Hatoum, a partir de uma perspectiva comparativa e cooperativa. Além disso, é necessário entendermos, concordando com Pierre Bourdieu (1968, p. 105), que “[...] a posição do criador na estrutura do campo intelectual [...] é função, ao menos por um lado, de sua obra anterior e da aceitação obtida por ela. Somente então poderemos refletir acerca dos aspectos estéticos e temáticos ó intra e extratextuais ó das obras de um determinado escritor.

Certos de que não esgotamos o assunto, iniciamos um movimento que será desdobrado em outros trabalhos: pensar as narrativas de Milton Hatoum a partir de um viés plurissignificativo, que abrange as relações de produção e concretização do objeto literário no campo cultural ó termo de Pierre Bourdieu (1968) ó ou, conforme Maingueneau, nas relações paratópicas do escritor com o campo literário.

Referências bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BARTHES, Roland. **Aula**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean (Org.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, pp. 105-145.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HATOUM, Milton. O apaixonado plágio. **Entrelivros**, São Paulo, ano 3, n. 21, janeiro 2007a, pp. 20-21.

_____. A imensa máquina ficcional de Balzac. **Entrelivros**, São Paulo, ano 1, n. 7, novembro 2005g, pp. 26-27.

_____. Leitores incomuns. **Entrelivros**, São Paulo, ano 3, n. 28, agosto 2007h, pp. 44-45.

_____. Contra o cinismo e o conformismo. **Entrelivros**, São Paulo, ano 2, n. 17, setembro 2006i, pp. 26-27.

_____. Em busca da inspiração perdida. **Entrelivros**, São Paulo, ano 1, n. 2, junho 2005b, p. 26-27.

_____. O inferno e o paraíso de um escritor. **Entrelivros**, São Paulo, ano 2, n. 10, fevereiro 2006b, pp. 26-27.

_____. Flaubert e a pré-história do cinema. **Entrelivros**, São Paulo, ano 1, n. 3, julho 2005c, pp. 26-27.

_____. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Um solitário à espreita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**: v. II. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, pp. 384-416.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Mobilidade e clausura na ficção contemporânea: dois modelos em discussão. In. **Literatura, arte e mercado**: XI Seminário Nação-Invenção, V. único (jan. 2014). Niterói, RJ; Brasília, CNPq, pp.34-49.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

THE WRITER IN THE LITERARY FIELD: A STUDY OF MILTON HATOUM'S CHRONICLES

Abstract: This work aims at investigating Milton Hatoum's chronicles, focusing on the relations between the writer and his creative project. The chronicles selected in this study can be found in **Um solitário à espreita** (2013) and in **Entrelivros**, a magazine published from 2005 to 2007. We believe that these chronicles can help us cast light on some characteristics found in Hatoum's literary project. Therefore, the contact with Pierre Bourdieu's theories (1968) as well as with Dominique Maingueneau's (2001), help us understand the relations between the author and his intellectual project with the literary field.

Keywords: literary field; intellectual field; writer.

Recebido em 26/11/2014.

Aceito em 02/12/2014.

